

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Canoeiro da Mamãe

Class.: 08

Data: 08/12/67

Pg.: 11/19 Canoeiro

Na trilha dos índios Karajá - XVII

Tarumã vira remo que imita espada

Gontran da Veiga Jardim

O remo (narhi), feito de madeira de tarumã, mede 1,20m de comprimento, incluindo a pá e o cabo. A pá é alongada lembrando uma grande espada de dois gumes. Comumente as pás dos remos repetem os desenhos que o pescador ostenta em seu próprio corpo. A tinta do Jenipapo nunca descola em contato permanente com a água. O remo é feito à golpes de facão, instrumento que o Karajá usa há muitos anos. Nos tempos antigos, os pescadores usavam o varejão (hodiu), longa e resistente vara que comandava todo movimento da canoa. Quando a viagem é muito longa e a expedição se encontra em águas rasas, até hoje é usado o hodiú, que economiza forças e dá mais velocidade à embarcação.

O varejão é também utilizado como ponto de apoio para o lançamento do arpão na pesca dos grandes peixes. No dorso, após a pesca, nada permanece dentro da canoa. Remos e varejões são levados para a choça. Para armar os seus "moquitórios", os Karajá, defronte à choça, muitas vezes lançam mão do varejão, que em certas ocasiões, por falta de flechas e arpões, serve para atravessar o peixe em lugares rasos. O índio não se apoquenta e recorre sempre aos melos, a seu alcance, a tudo o que a natureza lhe dá. Até o arco (uanua-hatã) é usado às vezes para impulsionar a canoa.

O arco, arma de guerra, caça e pesca, é feito de palmeira hiri ou de pau-d'arco. A palmeira, nativa na Ilha do Bananal, é rachada de alto a baixo. É sempre escolhida a palmeira já adulta, ou "madura" como dizem os índios. Não serve a palmeira verde, porque se quebra com facilidade. Rachado, o tronco, vários arcos podem ser feitos, aproveitando-se sempre a estrutura fibrosa e resistente. Com facão, massas e fibras internas vão aos poucos sendo golpeadas, até que fique apenas o cerne, situado sob a casca. A palmeira, no seu centro, à oca, contendo meros fragmentos de fibra rala, tem a menor consistência.

Terminado o preparo do arco, traçam a sêda do "oiho" do buriti ou do tucum, confeccionando uma corda forte como o nylon dos "civilizados". Nas extremidades do arco a corda é presa, dando-se um nó de porco (laçada dupla). Nas extremidades, os arcos trazem trançados de dois tipos de cipó, de cores variadas, entrelaçadas para formar os desenhos preferidos pelo caçador. O tipo mais comum desses desenhos tem a forma de losângos ou quadrados.

A flecha é feita de taquari (bambu fino e resistente). Na língua Karajá é conhecida como uhi. A ponta é da fibra de palmeira ou madeira forte, terminando com uma "fisga" de osso de ave ou esporão de arara. Duas penas presas à outra extremidade servem de aletas, dando o equilíbrio à flecha quando no ar.

A borduna (cohotê), feita de pau-d'arco, pau-ferro ou qualquer madeira da lei, mede geralmente 1m20 e pesa até dois quilos. Na parte mais grossa do cajado, os índios cavam sulcos verticais, usando para isso dentes de peixes (cachorra, piranha e traíra). Essas ranhuras dão maior segurança aos golpes, evitando o deslizamento. No punho da borduna são trançados cipós coloridos, também formando desenhos como no arco. Cada guerreiro tem o seu desenho característico, que o identifica no grupo. É espantosa a destreza do Karajá no manejo da borduna.

Rambuonã, o mesmo guerreiro que puniu com a morte o raptor de sua esposa, a bela Atauak, atravessava certa ocasião o Araguaia na sua canoa em companhia da mulher e de um filhinho de cinco anos. No meio do Rio, uma onça pintada também atravessava em sentido contrário. O guerreiro tentou aproximar-se do animal para matá-lo. De repente, a onça salta dentro da ubá. A mulher e o filho estavam na outra ponta da canoa. Rambuonã diz à esposa que pule na água, com a criança para proteger-se. O local tinha pouco mais de metro de fundura. Só com a fera, apanhã a borduna no chão da canoa e aguarda o salto, que não se fez esperar. A golpes certos e rápidos, sempre desfechados na cabeça, ele matou a onça. Calmamente, encostou a canoa onde estavam a mulher e o filho, recolheu-os a bordo e continuou sua viagem, como se nada tivesse acontecido. Levou a onça para a aldeia.

A lança (tonori) Karajá, de fibra de palmeira hiri ou pati, tem de comprimento mais ou menos 1,70m e numa das extremidades uma ponta de osso de perna de onça, chanfrado afinando como uma grande agulha. No corpo da lança, os índios também aplicam trançados de cipó colorido, com os desenhos característicos. Cravada a arma no animal, por ser muito pesada, o grande cabo de madeira cai e a fera cofre com a ponta enterrada no corpo. Vai sangrando até definharse por completo. Os caçadores tranquilamente, seguem os rastros do animal ferido, que geralmente já é encontrado morto. A ponta é retirada e novamente encaixada no cabo. Está pronta para nova caçada.

O facão do índio (maurehã), todo de madeira, imita o alfanje, medindo aproximadamente uns 60 centímetros. Era a principal usado como arma de defesa, mas hoje é um cetro simbólico usado pelo Cacique ou pelo Fajã nas grandes solenidades. A lâmina é toda coberta de penas de arara. No cabo, trançado de cipós biclores, há pingentes de penas longas de arara.



PONTO DE APOIO

O Carajá se apoia na borduna para submeter-se às escarificações (sangrias)